



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AO SENHOR GONÇALO CALDEIRA COELHO
NOVO EMBAIXADOR DE PORTUGAL
JUNTO DA SANTA SÉ POR OCASIÃO
DA APRESENTAÇÃO DAS CARTAS CREDENCIAIS***

Quinta-feira, 29 de Janeiro de 1981

Senhor Embaixador!

Acaba Vossa Excelência de exprimir os elevados sentimentos que lhe vão na alma, ao iniciar a sua missão como representante de Portugal, na qualidade de Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário junto da Santa Sé. Estou-lhe muito grato pelos votos deferentes que quis formular em relação à minha pessoa; e desejo-lhe também que esta sua alta missão tenha feliz êxito, para que se reforcem as boas e cordiais relações e os laços de amizade da Sé Apostólica com o seu dilecto País e para que a permanência de Vossa Excelência aqui, onde pulsa o coração da Igreja, lhe seja agradável e frutuosa.

Apresentou Vossa Excelência os princípios pelos quais quer seja guiada esta missão, à luz da história de um Povo que se honra de longa e nobre fidelidade aos ideais cristãos e à Igreja Católica, a qual o considera, hoje como no passado, com respeito, estima e gratidão, pelo muito que fez em prol da Cristandade, tantas vezes como pioneiro, em todos os quadrantes da Terra.

Efectivamente, olhando para o mapa do globo, facilmente se dá conta da extensão geográfica de uma presença de Portugal que, de algum modo, perdura. Muitos são, na verdade, os homens e filhos da Igreja, em todo o mundo, desde a América – do imenso Brasil, que tive a alegria de visitar recentemente – até ao Extremo Oriente, que prestam culto e invocam a Deus no idioma português, graças a um esforço evangelizador do passado, continuado no presente por valorosos missionários, na esteira de um Beato José de Anchieta e de um São João de Brito.

Um tal esforço de irradiação do Evangelho de Cristo firma-se, certamente, em algo que integra a existência histórica de Portugal: uma vitalidade religiosa, documentada na sua literatura, arte e liturgia, e afortunada e continuamente ligada a um modo peculiar de ser e de estar no mundo, com um tipo de humanismo reflectido, de certo modo, na miscigenação e aculturação com povos bem diversos.

A minha recente aprendizagem da língua portuguesa e o contacto indirecto – mediante o Brasil – com a história de Portugal, deram-me azo a conhecer e admirar mais profundamente o rico património espiritual de uma Nação, para a qual vão nesta hora as minhas homenagens. E, mais do que votos, exprimo a esperança confiante de que tal património não permanecerá apenas herança do passado, mas irá continuar a ser alma de Portugal do presente.

Novos e conhecidos condicionalismos não hão-de impedir, por certo, que o seu País prossiga no rumo histórico de seus melhores dias, no novo contexto de uma caminhada em sã pluralismo, a estruturar a própria sociedade para proporcionar a todos e cada um dos Portugueses sempre crescente e seguro progresso cívico e económico, na justiça, no amor e na fraternidade; de igual modo, não hão-de impedir que os mesmos ideais continuem a iluminar o desejo de Portugal de servir a causa da pacífica e harmoniosa convivência e cooperação dos Povos, que têm de irmanar-se no interesse pelo bem comum de toda a família humana.

Este bem comum, como é sabido, só é tal quando visa promover a vocação integral de cada homem; e sabe-se também quanto para isto contam o respeito, culto e empenho por incrementar os autênticos valores espirituais e morais, em que se alicerça a dignidade da pessoa humana e a validade das instituições destinadas a salvaguardá-la e servi-la. Assim, é bem notória a importância de que se revestem para se alcançar tal objectivo e garantir uma sociedade sadia, a solidez, coesão e estabilidade da família; de igual modo se conhece o alcance da estruturação, clima e processos verdadeiramente respeitadores e educativos dessa vocação integral do homem, das escolas, onde as gerações que sobem para a vida possam plasmar esculpida personalidade, para serem bons cidadãos e homens com solidária abertura para os destinos da inteira humanidade, que Deus quis formasse uma só família, onde todos se tratassem com amor fraternal.

O verdadeiro progresso e a felicidade dos Povos dependem, na verdade, da presença e força, nas suas opções e vida vivida, dos valores espirituais e morais, que são património universal, correspondente à intangível dimensão espiritual de cada homem e à realidade da sua relação com Deus. Estou certo de que Portugal, fiel à sua consciência histórica de nobre tradição humana e cristã, há-de querer continuar a cultivar e salvaguardar tais valores; e isto, tanto na própria pátria, como – na medida em que está ao seu alcance – na Europa, para a qual hoje está decididamente voltado, e no mundo, carecido, apesar de tudo, do efectivo reconhecimento e respeito dos direitos fundamentais da pessoa humana e da sua liberdade para procurar, aceitar e viver a verdade, alicerce da paz.

Senhor Embaixador!

À vontade de Portugal, de querer prosseguir a aceitar e favorecer a colaboração que é própria da Igreja, no desempenho da sua missão específica, para se criarem as melhores condições de respeito e afirmação da dignidade de cada pessoa humana, corresponde da parte da mesma Igreja – fiel a si mesma, ao homem e ao seu Senhor, Jesus Cristo – toda a boa vontade para servir a grande causa do Homem.

Com os meus sinceros votos de todo o bem e prosperidades, imploro para a sua nobre Nação e para todos os Portugueses, onde quer que se encontrem, ao mesmo tempo que para Vossa Excelência, as mais copiosas bênçãos de Deus.

**Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol.V, 1 1981 pp.184-186.

L'Attività della Santa Sede 1981 pp. 64-66.

L'Osservatore Romano 30.1.1981 pp.1, 2.

© Copyright 1981 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana